



A fábula da origem
(*The fable of the origin*)

*Renato Salgado de Melo Oliveira**

Resumo

Esperamos da origem um sentido para tudo. E da história, uma conservação: identidades, patrimônios, causas e consequências. Este texto aposta – entre encontros e desencontros com o filme *Narradores de Javé* (2003) – pensar a fábula como um desassossego da própria origem: “era uma vez”, tempo sem começo de onde se dispersa nossa pretensão à continuidade. Tempo que faz da origem um lugar sem raízes, e um movimento tanto para o passado quanto para o futuro.

Palavras-chave: história; origem; fábulas; divulgação científica

Abstract

We expect a sense of origin for all. And a story a conservation: identity, heritage, causes and consequences. This text bet – between meetings and disagreements with the movie *Narradores de Javé* (2003) - think about the fable as an unrest of the origin: "Once upon a time", time without beginning from where it disperses our claim continuity. Time making the origin a place without roots, and a movement for both the past and the future.

Key-words: history; origin; fables; science popularization

* Mestre em Divulgação Científica e Cultural (DCC), programa de pós-graduação do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Endereço postal: Labjor. Cid. Univ. "Zeferino Vaz" Préd.Reit. V 3º piso CEP 13083-970. E-mail: renatosmo@gmail.com

Introdução em três fábulas sem nomes¹

Primeira fábula:

“A verdade? A verdade mesmo pouco importa, afinal não é sobre ela de que se tratam as histórias”. Respondeu o lobo sentado naquela poltrona marrom, de couro, a luz iluminava pouco mais que o seu rosto, de seu corpo era perceptível apenas a silhueta de suas pernas cruzadas e a sombra do balançar de seu pé suspenso. Assim era impossível continuar a entrevista, o cientista já estava passando de seu limite e o prazo final chegando ao dele. Quando se propôs a investigar a origem daquele conto infantil achou que seria bem mais fácil do que isso, uns documentos antigos, alguns testemunhos perdidos e uma boa dose de metodologia poderiam resolver a questão. No entanto, o cinismo do lobo tornava tudo ainda mais insuportável, não que esse fosse o único problema, nada tinha dado certo desde que começara, porém aquela entrevista, conquistada de última hora, poderia salvar tudo, já o cinismo do lobo atrapalhava qualquer pesquisa.

Segunda fábula:

Concluiu com alívio. Suas últimas palavras foram soltas com um gesto de se ajeitar na cadeira. As apresentações sempre o deixavam um pouco nervoso e a frequência não parecia diminuir a sensação. Agora era só distribuir o jogo que preparara com antecedência para aquela ocasião, e pronto... missão cumprida. A missão era se debater com o filme *Narradores de Javé*², e o que mais o provocava em tudo aquilo era uma vontade, desprovida de dono, de contar a história da origem ou da fundação. A busca pelo contar da verdade onde ela estaria preservada em seu sentido autêntico. Depois de tanto se debater, o estudante optou por criar um jogo narrativo (como tantos

¹ Este artigo faz parte da minha dissertação de mestrado – *Histórias do mar: divagação científica, biotecnologias e RPG* (2011) – desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências e educações (CNPq, líderes Susana Dias e Elenise Andrade) e do projeto de pesquisa “Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabulação: o que pode a divulgação científica?” (MCT/CNPq nº 478004/2009-5), coordenado pelos professores doutores Carlos Vogt, Susana Dias e Elenise Andrade e que reúne alunos, artistas e pesquisadores do Labjor e Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, e o Departamento de Educação (Dedu) da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs).

² Filme brasileiro de 2003, dirigido por Eliane Caffé que movimentou o convite para as apresentações no evento *O que pode um cotidiano que divaga ao fabular? Com-fabulação... Ex-pressão...* O evento ocorreu na Universidade Estadual de Feira de Santana entre os dias 2 e 4 de setembro de 2010, com o apoio da Fapesb, CNPq, MCT e Capes e foi promovido pelo Grupo de Pesquisa multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências e educações (CNPq) e projetos: “Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabulação: o que pode a divulgação científica?” (MCT/CNPq nº 478004/2009-5), desenvolvido pelo Labjor-FE/Unicamp e Uefs; e “Olhares cotidianos da certificação Turismo CO2 neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré/Serra Grande/BA” (Fapesb), envolvendo a Uefs, Uesc, F.E. e Labjor da Unicamp e UdG (Universidade de Girona).

outros) sobre a busca de uma origem tão apaziguada no senso comum, a origem de uma personagem de um ordinário conto infantil.

Terceira fábula:

O macaco estava tentando abrir o coco. Suas mãos agarravam uma grande pedra que socava deselegantemente no fruto caído no chão. Vez ou outra o coco escapava e rolava ladeira abaixo. O macaco começou a se enfezar, olhava para o fruto verde em sinal de desafio. Decidiu usar toda a sua força, afinal era uma questão de reino, e não ficaria bem apanhar para um desses seres de reino inferior. Concentrou-se, levantou a pedra o mais alto que pôde, e com toda a firmeza de seus músculos efetivou o golpe. Certo. A reação do coco fora imediata, se fez de mola e devolveu a pedra toda a força do macaco. A pedra voou. Por obra do acaso, acertou em cheio a cabeça de um cervo que corria desesperadamente nas proximidades, o golpe foi fatal. O macaco foi em busca de sua pedra, e logo em seguida chegou o leão. “Ele é a minha presa”, rugiu o monarca. “Seria se o senhor o tivesse matado, o que não foi o caso, ele me pertence”, não quis deixar de perder a chance de uma disputa o bobo da corte. “Isto é um absurdo, não comes cervos”. “Essa não é questão, fundei a morte dele e por isso tenho direito sobre seu corpo”. “Não és ninguém para fundar nada! Sou de estirpe nobre, e tenho por direito de sangue e dever real a morte e a caça dos cervos, sai de meu caminho, ou executarei meu direito”. “Como um ser tão nobre não respeita o direito de primazia? O mesmo direito que concede legitimidade a sua estirpe”. “Primazia de quê?”. “De ter fundado a morte do cervo, fui o primeiro que o matou, antes de mim ninguém o fez, por isso tenho o direito de fundador”. “O que quiseste dizer com isso?”. “Absolutamente nada, afinal é o que todos esperam de uma fábula certo? Um querer dizer, uma moral, no fim tudo isso é apenas efeito de nossas palavras senhor leão”.

Desenvolvimento em duas fábulas, um presente do macaco para o leão e a bibliografia

Primeira fábula – “o cientista e o estudante”.

Ele sabia que deveria ter aceitado a proposta do Lobo: cerveja e sinuca ao invés de aula. Porém o número de faltas já anunciava uma tragédia e não estava disposto a fazer aquela matéria novamente. Aquele professor era um louco, desde que decidiu descobrir as origens de Chapeuzinho Vermelho transformou todas as suas aulas em uma autorreflexão sobre o tema que vinha estudando. As palavras do sábio cientista

emanavam em uma frequência completamente distinta daquela em que pensava o estudante.

– A genealogia desenvolvida por Foucault (2006) perambula sobre duas ideias de origem distintas: a proveniência e a emergência. A proveniência, de acordo com o pensador francês, “(...) é o antigo pertencimento a um grupo – do sangue, da tradição, de ligação entre aqueles da mesma altura ou da mesma baixeza (...)” (FOUCAULT, 2006, p.20). Uma continuidade do passado que se faz presente pela herança. Faz-se passar por uma potência capaz de fundar um sentido para o Eu e de cercá-lo de uma identidade. Uma outra força que ronda essa herança é o medo em relação ao futuro. O tronco deve ser mantido e não extinto, “não há mudanças, mas sim perdas”, diz a voz do tradicionalista temendo a eterna entropia moral do tempo – dizia o cientista como se alguém, além dele próprio, prestasse atenção em suas palavras.

Definitivamente, o cientista estava atrapalhando o estudante. O jovem precisava preparar um texto para um congresso, não podia faltar à aula, então decidiu elaborar algo dentro da sala, porém o professor não se calava um minuto, é preciso silêncio para pensar, assim nada sairia, as palavras do cientista contaminavam os pensamentos do estudante.

– As biotecnologias caçam essa origem da proveniência. Buscam entalhar no tronco da árvore os antepassados. Investindo com força na constituição da identidade do indivíduo por sua ancestralidade. Retomando assim o passado solene e metafísico. Uma pureza e uma verdade capaz de constituir sentido em meio ao caos, pois seria a história a narrativa ordenadora; capaz de reinstaurar a organicidade supostamente perdida do tempo. Tempo verdadeiro e esvaziado de subjetividade, escrito pelas mãos do destino, escrita-DNA – continuava o cientista alheio aos delírios do estudante.

“É claro!” Pensou em triunfo o estudante, mas que ideia genial, brilhante, para não dizer única. O evento propunha debater um filme chamado *Narradores de Javé*, no qual um grupo de moradores de um pequeno e perdido vilarejo tentavam escrever a história de seu vale para salvá-lo de um dilúvio iminente. Os moradores acreditavam que se provassem o valor da grandeza histórica do vale poderiam ter uma chance de deter o avanço do futuro, transformando o vale em patrimônio. Para isso convocam o homem que trabalhava no posto de correios da cidade, que, provavelmente, seria o homem mais “letrado e culto” da região. O trabalho de escrita da história de Javé é uma busca pelas origens e fundação daquele povoado. Finalmente ele estava conseguindo se desprender do que falava o cientista e começava a resolver seus problemas, poderia escrever um jogo sobre as origens de algo, um debate com o filme.

E a aula continuou à deriva, por outros caminhos, dos quais o estudante não se lembrava ao certo.

Segunda fábula – “o poeta e o francês”.

O poeta escreveu:

A rã

O homem estava sentado sobre uma lata na beira de uma garça. O rio Amazonas passava ao lado. Mas eu queria insistir no caso da rã. Não seja este um ensaio sobre orgulho de rã. Porque me contou aquela uma que ela comandava o rio Amazonas. Falava, em tom sério, que o rio passava nas margens dela. Ora, o que se sabe, pelo bom senso, é que são as rãs que vivem nas margens dos rios. Mas aquela rã contou que estava estabelecida ali desde o começo do mundo. Bem antes do rio fazer leito para passar. E que, portanto, ela tinha a importância de chegar primeiro. Que ela era por todos os motivos primordial. E quem se fez primordial tem o condão das primazias. Portanto era o rio Amazonas que passava por ela. Então, a partir desse raciocínio, ela, a rã, tinha mais importância. Sendo que a importância de uma coisa ou de um ser não é tirada pelo tamanho ou volume do ser, mas pela permanência do ser no lugar. Pela primazia. Por esse viés do primordial é possível dizer então que a pedra é mais importante do que o homem. Por esse viés é que a rã se acha mais importante do que o rio Amazonas. Por esse viés, com certeza, a rã não é uma criatura orgulhosa. Dou federação a ela. Assim como dou federação à garça quem teve um homem sentado na beira dela. As garças têm primazia (BARROS, 2008, p. 51).

A rã é como o macaco, que tem direitos por primazia. Diferentes do leão, que se faz valer por sua herança, por sua linhagem. O poeta leva a situação do instante atual para o primórdio dos tempos, um ritual onde os acontecimentos se repetem. A rã já estava lá quando o rio passou pela primeira vez, e agora que o rio ainda passa a rã ainda está lá. E desta lógica se explica o sentido da narrativa, e a ordem das palavras. “*Falava, em tom sério, que o rio passava nas margens dela*”. Porém, o poeta é um enganador. Se a origem legitima o bom senso e fixa no passado o sentido presente, a origem do poeta força uma gramática que desobedece a essa ordem. Fixa no passado um acontecimento que extrapola com a ordem do bom senso. Pois o que se escreve é que o sapo estava na margem do rio e não o contrário.

O francês escreveu:

(...) Como se o olho tivesse aparecido, desde o fundo dos tempos, para a contemplação, como se o castigo tivesse sempre sido destinado a dar o exemplo. Esses fins, aparentemente últimos, não são nada mais do que o atual episódio de uma série de submissões: o olho foi primeiramente submetido à caça e à guerra; o castigo foi alternadamente submetido à necessidade de se vingar, de excluir o agressor, de se libertar da vítima, de aterrorizar os outros. Colocando o

presente na origem, a metafísica leva a acreditar no trabalho obscuro de uma destinação que procuraria vir à luz desde o primeiro momento. A genealogia restabelece os diversos sistemas de submissão: não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações (FOUCAULT, 2006, p. 23).

Um outro tipo de origem que não mais se baseia na ideia de *procedência* mas sim de *emergência*. A eclosão de um conceito na história cercado de sua pureza e verdade originária. Conta-se a história para restabelecer essa pureza, reintegrar o conceito a seu sentido original. Porém esse sentido não é nada mais que a ocorrência presente do conceito. Inventamos que nosso presente tem origens antigas, que somos a continuidade verdadeira de algo mais importante, mais grandioso. Temos medo de que o presente se solte e navegue à deriva.

(...) cremos que nosso presente se apoia em intenções profundas, necessidades estáveis; exigimos dos historiadores que nos convençam disto. Mas o verdadeiro sentido histórico reconhece que nós vivemos sem referências ou sem coordenadas originárias, em miríades de acontecimentos perdidos (FOUCAULT, 2006, p. 29).

Presente do macaco para o leão

– “Ô... leão!”.

A fera apenas levanta os olhos em direção de uma árvore de onde vinha o chamado, como dando permissão para que o súdito continue com o seu atrevimento.

– Fiquei chateado com aquilo que aconteceu na introdução lembra? O lance do cervo? E queria te dar um presente para que deixássemos de lado essa disputa boba e voltássemos a ser bons amigos.

O leão prossegue em silêncio e sem se mover.

– Veja isso – diz o macaco logo após saltar da árvore e se aproximar do leão com um monte de folhas de papel nas mãos – roubei de um rapaz que passava pela estrada desatento, não sabia se olhava para esses papéis ou para o mapa que levava, parece um conto e um jogo, é isso mesmo, é um jogo e um conto.

O leão se aproxima com cautela, estava cansado, tivera que caçar outro cervo e não estava disposto a arriscar mais uma perseguição.

– Venha, acho que podemos jogar juntos, vamos ver se é interessante, vou começar a ler.

As origens de chapeuzinho vermelho

1

Era uma vez uma pequena vila no interior de Contos de Fada, onde vivia uma menina que todos conhecem: Chapeuzinho Vermelho. Hoje você fará o papel de Chapeuzinho Vermelho nesta história.

Na vila os seus dias são completamente vazios de graça, principalmente depois que você cresceu um pouco. Levar doces para a vovó não tem mais nada de divertido como antigamente, além do mais ela está com diabetes e tem aquele cheiro insuportável de velhice e talco que oprime o seu delicado nariz. A vila também é bem tediosa, nenhuma balada, boliche, praça ou cinema, absolutamente nada para fazer e chega “uma hora” em que pintar as unhas simplesmente cansa. Hoje sua tarde foi como todas as outras, ver os lenhadores passarem com os pedaços de madeira, assar uma torta de frutas silvestres, digo outra torta de frutas silvestres, como todos os dias. Sentada na cozinha espera o pedaço esfriar e sua mãe chega, joga as chaves do carro em cima da mesa e começa a colocar as compras na geladeira.

– Como foi seu dia, querida? – pergunta a mãe enquanto guarda o pote de margarina na geladeira.

– Como todos. Por que você não me chamou para ir “no” supermercado com você?

– Querida, você estava dormindo e não quis atrapalhar.

– Mãe... tenho uma pergunta para fazer para a senhora...

– Você só me chama de senhora quando quer algo, diga garota.

– Temos algum parente na Cidade? Sabe, um primo, um tio algo assim... não conheci o papai, nem a família dele e poderia aproveitar as férias para conhecê-los... digo, a família do papai... – sua pergunta foi bem camuflada, na verdade você nunca se interessou pela família do pai e não

seria agora que iria começar, porém um parente na Cidade era um bom lugar para ficar nas férias e fugir dessa vila monótona.

Sua mãe não se deu nem ao trabalho de inventar uma desculpa, olhou para o relógio, enquanto fechava a geladeira, pegou as chaves do carro e saiu rápido balbuciando alguma coisa que tinha esquecido no castelo da Cinderela. E te deixou novamente sozinha e sem respostas.

Na verdade isso não importa muito. Afinal, parente deve ser algo fácil de achar, e você não é nada boba. Você passa os olhos pela casa procurando algo que possa te ajudar, por onde começar? Se deseja procurar por pistas de sua família pela casa vá para 13; se prefere ir ao seu quarto e usar a Internet vá para 7.

2

O sótão é completamente sujo, ninguém vai lá há muito tempo. A poeira e a sujeira mancham toda a sua roupa, além de ser difícil encontrar caminho por entre as teias de aranha. No fim do cômodo, embaixo de uma janela redonda e encardida, tem um baú grande e velho, de madeira, reforçado com hastes de metal; coisa antiga, se não pelo estilo, pela camada de poeira. Logo em cima do baú você encontra um livro de capa vermelha, muito antigo, que sobreviveu às traças. Após uma breve conferida, você nota a assinatura de sua Vovozinha na capa: era o antigo diário dela. Você irá ler o diário, (4); ou tentará a sorte com o baú? (8)

3

Afinal, o que uma garota que sempre é abandonada pelo pai sabe sobre genealogia, a ciência das famílias? Você continua a busca... a Internet é espaço de navegação, e navegação leva a dispersão. Quando deu por si estava viajando pelo *Fairebook*, a mais badalada rede social de

Contos de Fada. Logo nota que alguém pediu para ser seu amigo, aaaah?... sim!, o Lenhador, um velho que anda pela cidade contando histórias da época em que os bichos falavam, vê se pode! Você decide aceitá-lo, afinal tem tão poucos amigos que mais um seria bom para ajudar com o seu jogo de plantação de feijões mágicos. Logo após aceitar o convite, você começa a passear pelas fotos do *profile* dele, como sempre faz quando adiciona um amigo novo, e se depara com algo incrível. Uma imagem da sua Vovozinha, com cerca de dezessete anos, tomando suco de abacaxi com hortelã na barraca de alguma festa típica da região. Ela está abraçada com um homem novo e forte, barba por fazer, camisa xadrez e cujos braços estão em volta da cintura da Vovozinha; ele é o Lenhador. Embaixo há uma legenda “Bons tempos”. Você nunca havia imaginado isso, no meio desse encontro uma idéia nasceu, o Lenhador era velho e conhecia todos na vila, talvez soubesse algo de seu pai. Se quiser conversar com o Lenhador vá para 9, ou se cansou da Internet e queira procurar por pistas pela sua casa vá para 13.

4

O diário tem cerca de três centímetros de altura, uma capa azul e em letras douradas: “Minhavidá”, com certeza é da sua Vovozinha. Dentro está cheio de papéis de carta, embalagens de balas antigas, mensagens das amigas de adolescência, números de telefones, tarefas agendadas, horários do cinema, números de livros registrados na universidade... parece que sua Vovozinha o utilizou por muitos anos. É um diário mágico da editora TodaFada, as páginas simplesmente não acabam, o que levou a editora a parar de fabricá-lo, pois depois de comprar esse ninguém precisava comprar outro. Talvez você tenha tido sorte... indo para a última página escrita, que é sempre a penúltima página do diário, está o relato do casamento de sua mãe.

Mas, na verdade, sua Vovozinha fala bem pouco do casal protagonista, o dia dela foi terrível demais, ficou o tempo inteiro atrás do irmão do noivo, Tio Vader, padrinho do casamento. Ninguém o achava, e o padre Urso jamais começaria um casamento sem o padrinho. Todos reviraram a vila inteira e nada, nem um sinal do homem. Foi quando sua Vovozinha se lembrou de algo! Vader vivia na cantina de uma universidade que ficava próxima, nada que uma corrida até lá não valesse a pena. Era apaixonado pelos salgadinhos da cantina, uma verdadeira obsessão. Sua Vovozinha pegou o carro, foi até lá e o encontrou. Não foi tão difícil, bastou perguntar para algumas pessoas e logo deu de cara com ele, estava lá mesmo, comendo uma esfirra. “Um tio, tio Vader, ele deve ter algum parente na Cidade”. Você já sabe como procurá-lo, boa sorte com a missão.

5

O álbum é bonito, coisa elegante. Um presente que sua mãe ganhou, em uma viagem pela Arábia, de seu amigo Aladin. Feito de pele de dromedário mágico do pântano, criatura ainda mais rara que um dragão verde, especialmente para álbuns de família, pois essa espécie de pele encanta o álbum com uma magia muito comum: apenas os membros da família podem abrir o livro encapado. Ao se lembrar disso, você sente em seu coração um aperto forte: e se você não conseguir abri-lo? Sabe como é, não seria de se espantar se, na verdade, houvessem deixado você em uma cesta, na porta da casa de sua mãe. Afinal, vocês nem possuem narizes parecidos. Por um tempo sua mão vacila pela capa do álbum, seus dedos tentam abrir de leve e nada acontece. Seu coração dispara, e agora? Tenta mas uma vez... e... abre! Maldito livro antigo, os encantamentos mais velhos são assim, demoram a funcionar. Mas você conseguiu, ao menos sabe que está na

família certa! Folheando o álbum, duas fotos lhe chamam a atenção. A primeira é de sua Vovozinha, ainda adolescente com um livro na mão. Parece ser um diário. E você se lembra desse livro, ele está no sótão. Se deseja subir ao sótão e ler o diário volte para 4. A segunda foto é também da Vovozinha, com cerca de dezessete anos, tomando suco de abacaxi com hortelã na barraca de alguma festa típica da região. Ela está abraçada com um homem novo e forte, barba por fazer, camisa xadrez e com os braços em volta da cintura da Vovozinha, ele é o Lenhador, e talvez saiba algo de seu pai. Afinal, já é velho e mora há muito tempo na vila. Se deseja falar com o Lenhador vá para 9.

6

Você entra no site e começa a bisbilhotar. Interessante, uma empresa que oferece teste de DNA-literário para traçar as origens das pessoas. Existem alguns serviços distintos, linhagem materna, linhagem paterna e certificado de *best seller* (você pode encomendar mediante o resultado do teste). O valor também parece ser tranquilo, é possível pagar. O que também te obriga a economizar com o lanche na cantina quando voltarem as aulas. Afinal, sempre é bom um regime. Você encomenda o kit-teste e ele chega em dois dias, como o anunciado. O procedimento é bem simples, você tira uma mexa de seu cabelo, algumas fotos de sua mãe grávida de você, uma folha de mato de seu jardim e escreve uma poesia, coloca cada um desses elementos em envelopes devidamente identificados e envia novamente pelo correio. A espera pelo resultado é longa. O mês parece não passar, a impaciência te consome. “Tomara que chegue antes de acabarem as férias” – pensa todas as manhãs quando acorda. Uma semana antes da volta às aulas, sua mãe lhe acorda avisando que chegou um envelope em seu nome. Ótimo, uma semana é melhor do que nada. Você nem toma café, corre para a sala e abre o envelope pardo,

dentro uma carta e uma imagem estranha cheia de traços e linhas, a carta era bem direta, profissional:

Estimada Chapeuzinho Vermelho,

Os testes foram feitos com sucesso e conseguimos traçar os séculos iniciais de sua ancestralidade paterna. O seu DNA-literário (espectrograma em anexo) apresenta alelos específicos de origem germânica, os alelos 21b e 20c possibilitam-nos determinar com confiabilidade (cerca de 97,7486% de certeza) que você tem como raiz ancestral o **romantismo alemão do século XIX**. Caso tenha interesse, essa origem não nos permite um certificado de *best seller*, porém podemos enviar, com um pequeno custo adicional, um certificado de *Cultura Folk*.

Agradecemos a escolha

GenedeF@das – seu passado em nossos arquivos

Agora você sabe da onde vem a sua herança paterna, mas dificilmente servirá para achar sua família na Cidade, e as aulas já estão próximas, quem sabe nas próximas férias?

7

Seu quarto está uma bagunça, você acordou às onze horas e até agora não arrumou nada. A ponte está quebrada e a empregada não veio. Chuta uma coberta para o canto, tira a sua camisa da cadeira e senta. Liga o computador e começa a procurar em diversos sites. Mas nada o que fazer. O MSN indica que a Maria está on-line, e você puxa um papo. Como sempre ela reclama de João e de como seus pais são ausentes. Ontem mesmo eles a esqueceram no shopping na Cidade, que inveja... a Cidade. Você conta para ela de sua busca e pede a sua ajuda, vá para 10; ou fecha o MSN e continua a busca sozinha, volte para 3.

8

A poeira é grossa como um pano, você tenta espanar com as mãos mas é inútil, além de te sujar completamente. O baú tem um trinco antigo que aparenta estar fechado, você tenta forçar com os dedos... [pegue uma moeda e jogue cara ou coroa, em caso de cara, vá para 11, em caso de coroa, vá para 12].

9

Com certeza uma conversa com um vizinho antigo é a forma mais rápida de você descobrir algo sobre seu pai, assim sobra muito tempo para curtir o resto das férias na Cidade. O Lenhador mora a apenas cinco casas de distância da sua, você parte empolgada esperando voltar mais rápido que a sua mãe e ter tempo para fazer as malas para a viagem. A casa do Lenhador é de madeira (como todas na vila) e há um Chevrolet antigo parado na garagem. O jardim é muito bem aparado e discreto, na frente da casa há um estandarte com a bandeira de Conto de Fadas tremulando.

Você aperta a campainha e um barulho de cuco holandês ressoa dentro da casa, logo em seguida ouve passos e a maçaneta girando. O Lenhador está diante da porta, cabelo cortado em cuia, músculos enormes e a velha roupa xadrez. “O que deseja Chapeuzinho? Não vá me dizer que viu o Lobo por aí”, diz o homem com muita cordialidade e uma risada sincera no final. “Nada não, você responde, só queria fazer algumas perguntas sobre o meu pai, sabe? O senhor ‘conheceu ele’, não?”. O Lenhador solta um forte suspiro e abre espaço para a moça entrar. “Sente-se naquele sofá, vou trazer algo para bebermos”, você agradece e vai se sentar olhando os troféus de caça dele, diversas cabeças de árvores penduradas na casa, heroico, mas de certo mau gosto. O Lenhador chega com dois copos enormes de suco de laranja e gelo. Antes que você comece a falar algo ele logo diz:

“Seu pai é o espelho, sinto muito, mas já estava na hora da senhorita saber”. Espelho? Como assim, ele ficou louco?, pensa. “Mas que espelho?” – pergunta – “O aliado da bruxa má”. Era um absurdo, seu pai estava morto – o dragão verde – você o interroga sobre isso. “Na verdade pensamos que ele estava morto mesmo, quando Eliot foi transferido para o zoológico da Cidade, ele esbarrou em um espelho e o quebrou, pensamos ser o seu pai, estávamos errados, e Eliot apenas ganhou sete anos de azar, pobre dragão”. Você não sabe o que pensar... o espelho, vivo, era seu pai... muita coisa para um dia. “Como posso encontrar ele?”, o Lenhador olha para baixo e diz: “Desde que a bruxa má foi eleita como deputada federal o Espelho ficou desempregado, andou vagando por aí e por isso pouco se fala dele. Nos últimos anos, ouvi dizer que ele anda fazendo bicos em banheiros de uso público, fim miserável para um espelho tão importante, se você sair por aí perguntando para os espelhos no banheiro talvez o encontre, é tudo o que sei”. Você termina de beber o suco e agradece, sem saber o que fazer exatamente, ao te acompanhar até a porta ele fala: “Boa sorte com a sua busca, pergunte por aí, pelos espelhos, sei que ele tem uns parentes vivos na Cidade, mas não os conheço. Para invocá-lo é necessário começar dizendo com firmeza: ‘espelho, espelho meu...’ boa sorte... filha do espelho”.

10

Todos da vila já perderam a conta de quantas vezes os pais (pai e madrasta) de João e Maria os “esqueceram” no bosque alegando não ter dinheiro para sustentar as crianças. Se alguém sabia encontrar o pai era ela. Você esclarece a sua situação para amiga, conta até mesmo da Cidade esperando desperta alguma simpatia nela. Tudo o mais rápido possível, pois ninguém suporta escrever no MSN por muito tempo. Depois de alguns segundos ela lhe manda um

endereço na Internet: www.genedefadas.com.cf e diz que andou buscando a família da mãe para não viver mais com a madrasta e que encontrou esse site. Valia a pena da uma olhada. Se for visitar o site volte para 6, caso queira ignorar essa dica e continuar a busca por si só volte para 3.

11

Você força um pouco e a trinca cede, uma poeira enorme toma conta do sótão. Em meio às tosses sua mão abana o ar carregado. No fundo, uma pequena caixa de madeira, uma relíquia. Dentro da caixa, fotos e palavras antigas de sua família, um presente do futuro. Talvez com esses pedaços você possa construir algo. Boa sorte! [Procure uma caixa de cartas do projeto “Biotecnologias de Rua” e utilize-as para descobrir e inventar a árvore genealógica da Chapeuzinho Vermelho, pode usar tanto as imagens, como as palavras ou mesmo os sons do CD).

12

A caixa está trancada e não há nada que seus dedos e unhas possam fazer sem se machucar. Caso queira ver o diário volte para 4, ou se prefere tentar a sorte com a Internet volte para 7.

13

Você se senta na sala e começa a pensar... por onde procurar? Não se lembra de seu pai, era muito pequena, e sua mãe um dia lhe disse que dera todas as coisas dele depois que fora morto por um dragão verde. Nem mesmo um recorte de jornal com a notícia, com certeza haveria alguma, afinal apenas dois zoológicos ainda possuem dragões verdes, e você nem sabe qual deles matou o seu pai, se é que foi um deles. Seus olhos perambulam pelos móveis e se encontram com uma pequena gaveta, sim, ali está o velho álbum de família, alguma coisa deve ter ali. A

lembrança do álbum lhe traz outra à mente, uma tarde de verão, antes de a Vovozinha ficar doente, quando estava limpando o sótão, um antigo baú com coisas velhas que veio para casa junto com esse álbum, ali pode ter algo. Se você prefere olhar o álbum volte para 5, ou se prefere o baú volte para 2.

Referências bibliográficas:

BARROS, Manoel de. (2008). *Memórias inventadas. As Infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo, Editora Planeta do Brasil.

FOUCAULT, Michel. (2006). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal.

Filmografia

Narradores de Javé. 2003. Dirigido por Eliane Caffé, Brasil.

Data de Recebimento: 11/03/11

Data de Aprovação: 06/06/11

Para citar essa obra:

OLIVEIRA, Renato Salgado de Melo. A fábula da origem. RUA [online]. 2011, no. 17. Volume 1 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70
Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo
13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>